



We Hunt the Flame

“Deslumbrante e mágico.”
—KIERSTEN WHITE,

Autora Best-Seller do New York Times

HAFSAH FAIZAL



We
Hunt
the
Flame

HAFSAH FAIZAL

FARRAR STRAUS GIROUX · NEW YORK

*Traduzido e Revisado por
WhitethornTeca*

★ ★ ★

Para minha mãe, por moldar meu coração, e meu pai, por endurecê-lo em aço.

*Amor é para crianças, disse a garota.
Morte é para tolos, disse a sombra.
Ecuridão é meu destino, disse o garoto.
Fidelidade é a minha ruína, disse a águia.
O sofrimento é o nosso destino, disse a beleza.
E eles estavam terrivelmente errados.*



ATO I

PRATA COMO LUA CRESCENTE

CAPÍTULO 1

Pessoas viveram porque ela matou. E se isso significava enfrentar a Arz onde até o sol tinha medo de vislumbrar, então que assim seja.

No ocasional dia bom, Zafira bint Iskandar devaneou que era mais corajosa que o próprio sol. Na maioria dos dias, ela mal podia esperar até as noites de Arz atrás dela e estava firmemente enraizada nas planícies de seu caliphate*, neve daama* e tudo o mais.

Hoje era um daqueles dias, apesar dos chifres ásperos contra a mão dela. Ela se libertou da prisão amaldiçoada de uma floresta, fingindo que seu suspiro era devido à conclusão de sua tarefa, em vez de um produto firmemente enrolado do medo que se desatava em seu coração. O sol da manhã beijou suas bochechas em boas-vindas.

Marhaba para você também, covarde.*

A luz do sol sempre era fraca no caliphate de Demenhur, porque o sol não sabia o que fazer com a neve que deveria ser areia.

Diante dela, o mar de branco se estendia suave e intocado, presenteando-a um momento de contentamento em sua solidão, mesmo quando seus dedos entorpeciam e o ar aleijava seu nariz.

Para em um caliphate em que as ações de uma mulher sempre corriam o risco de se voltar contra ela, não havia nada fácil em fingir ser um homem.

Não quando ela tinha as curvas de uma mulher, e a voz e a marcha de uma também.

Ela arrastou a carcaça de veado, uma trilha de vapor em seu rastro, a neve manchada de um vermelho sinistro. Havia uma promessa no ar. Uma quietude na terra e nas árvores sussurrantes.

Não é nada. Paranoia tinha um jeito de visitar quando era menos desejada. Ela era um monte de emoções por causa do casamento iminente, isso era tudo.

Sukkar se afastou do poste apodrecido onde ela o amarrara, misturando-se com o casaco quase branco. Enquanto ela fazia um trabalho rápido de amarrar o cervo na sela de seu cavalo, ele permaneceu imóvel, tão doce quanto o nome que ela havia lhe dado.

— Tivemos uma boa caçada hoje — disse ela ao cavalo que não tinha ajudado, e virou-se de costas.

Sukkar não reagiu, contente em olhar através da distância para a Arz como se um ifrit* saltasse e o engolisse inteiro.

— Dastard — disse Zafira, com um sorriso nos lábios entorpecidos.

Embora todos fossem covardes no que diz respeito à floresta – cada um dos cinco caliphates que compunham Arawiya tinham medo de Arz, pois também cercava essas terras. Era uma maldição que eles compartilhavam desde que a terra havia sido roubada de magia.

Baba* havia ensinado a Zafira que Arz era, de muitas maneiras, simplesmente uma floresta. Ele lhe ensinara maneiras de usá-la em seu benefício. Maneiras de acreditar que ela poderia domá-lo, quando na realidade ela não podia. Ninguém poderia.

Sua morte havia provado isso.

Zafira guiou Sukkar para longe da floresta, em direção à clareira e mais fundo em Demenhur. Mas a Arz era tão grande que sempre exigia um último vislumbre. Ela parou e se virou.

Observou. Respirado. Os esqueleto das árvores alcançava com dedos retorcidos mergulhados em sombras rodopiantes.

Alguns disseram que devorava homens como abutres entre os mortos. No entanto, Zafira voltou, dia após dia, caça após caça. Ela sabia que cada parada poderia ser sua última e, embora jurasse que não tinha medo de nada, encontrar-se perdida era o maior medo de todos.

Ainda. Havia um pulso profundo dentro dela que saboreava aquelas visitas nas profundezas da escuridão. Ela odiava a Arz. Ela odiava tanto, ela implorava.

— Akhh, tempo de sobra para encarar a Arz todo o daama dia — disse ela a Sukkar, um tremor em sua voz. — Precisamos voltar para o casamento, ou Yasmine vai querer nossas cabeças.

Não que Sukkar se importasse. Zafira estalou a língua e o empurrou para frente, a tensão escapando de seus músculos tesos à medida que a distância entre eles e a Arz crescia.

Até o ar pesar com outra presença.

Os pequenos pêlos da nuca se ergueram e ela lançou um olhar cauteloso por cima do ombro. A Arz olhou para trás, como se estivesse respirando com dificuldade. Não — quem quer que estivesse aqui em Demenhur, imitando o silêncio quase tão bem quanto ela.

Quase.

Se havia algo que ela mais temia do que se perder dentro de Arz, era ser pega de surpresa por um homem que podia provar que ela não era um caçador, mas uma *caçadora*, uma garota de dezessete anos escondida sob o peso da capa com capuz de seu pai toda vez que ela caçava. Então ela seria evitada, suas vitórias ridicularizadas.

Sua identidade, cruelmente desvendada.

O pensamento fechou as mãos ao redor de seu coração, o *baque, baque, baque* acelerando um pouco mais rápido.

Ela girou Sukkar para encarar a Arz, chutando contra as tensões de sua hesitação enquanto um comando baixo flutuava no vento, palavras indecifráveis.

— Yalla*. — Ela pediu para ele se apressar, a voz tensa.

Ele sacudiu a juba e seguiu em frente sem protestar. O ar escureceu quando eles chegaram à floresta. Engraçado, Zafira estava indo em *direção* ao desconhecido ao primeiro sinal de perigo mortal.

O frio mordeu seu rosto. Um borrão preto acelerou da direita dela, um segundo borrão da esquerda. *Cavalos*. Ela mordeu o lábio e desviou Sukkar entre eles, esquivando-se quando algo balançou para sua cabeça.

— Qif!* — Alguém gritou, mas que tipo de idiota iria *parar*?

Sukkar. Ele congelou na fronteira da Arz e Zafira deu um puxão em sua sela — um tapa, lembrando-lhe que ele nunca havia se aventurado tão perto. A deterioração da madeira e do ácido agrediu seus sentidos frios.

— Laa.* *Laa*. Agora não, seu idiota — ela sussurrou.

Sukkar jogou a cabeça, mas não se mexeu. Zafira olhou para a escuridão silenciosa e sua respiração vacilou. A Arz não era um lugar para se virar; não era um lugar para ser pego sem perceber e desavisado e...

Com uma maldição, ela virou Sukkar, apesar dos protestos dele.

O vento uivava, frio e forte. Ela estava dolorosamente consciente da Arz respirando em suas costas. Até que ela pegou os dois cavalos bufando a meros quatro passos, casacos escuros como o céu noturno, corpos poderosos envoltos em cota de malha. Cavalos de guerra.

Criado em um só lugar: o caliphate vizinho de Sarasin.

Ou possivelmente Fortaleza do Sultão. Era difícil dizer qual, quando o sultão de Arawiya havia assassinado recentemente o califa* de Sarasin a sangue frio, tomando ilegalmente o controle da terra e dos exércitos que o sultão não precisava — não quando Arawiya descansava sob seu controle, e não quando ele possuía A Guarda do Sultão à sua disposição. Os califas existiam para o equilíbrio. Ele não deveria *matá-* los.

No topo de seus cavalos, os braços nus dos homens estavam amarrados com músculos, rostos cortados com linhas duras. Eles eram da cor de pessoas que conheciam a vida sob o sol, o fluxo e refluxo do deserto que Zafira ansiava.

— Yalla, Hunter — disse o homem maior, como se ela fosse gado para ser pastoreado, e seus olhos caíram na cimitarra em suas mãos.

Se Zafira tinha alguma dúvida de onde eles eram, o timbre de sua voz era suficiente. Sua garganta se fechou. Ser rastreada por fofocar Demenhune era uma coisa; ser atacada por Sarasins era outra.

Ela abaixou a cabeça para que seu capuz obscurecesse mais o rosto. Ela enfrentou a escuridão; ela matou coelhos e veados. Ela nunca tinha estado diante de uma lâmina.

Mas com toda a força, os homens mantiveram distância. Até eles tinham medo da Arz. Zafira levantou o queixo.

— Para quê? — Ela falou sobre o súbito assobio do vento. Ela tinha pessoas para alimentar e uma noiva tão bonita quanto a lua para se despedir.
Por que eu?

— Para conhecer o sultão — disse o homem menor.

O sultão? Céus. O homem tinha cortado mais dedos das mãos do que cabelos da cabeça. As pessoas diziam que ele fora bom uma vez, mas Zafira achou isso difícil de acreditar. Ele era Sarasin de nascimento, e Sarasins, falaram a ela por toda sua vida, nasceram sem um pinga de bondade em seus corações.

O pânico explodiu em seu peito novamente, mas ela abaixou a voz.

— Se o sultão quisesse me ver, ele me cumprimentaria com uma carta, não com seus cães. Eu não sou criminosa.

O homenzinho abriu a boca ao ser comparado a um cachorro, mas o outro mudou sua lâmina de lugar e se aproximou.

— Isso não é um pedido. — Uma pausa, como se ele percebesse que seu medo da Arz não permitiria que ele se afastasse mais, e então: — Yalla. Venha em frente.

Não. Tinha que haver uma saída. Zafira apertou os lábios em compreensão. Se havia algo além da barbárie pela qual os Sarasins eram conhecidos, era o orgulho.

Ela sussurrou palavras doces para Sukkar. Talvez fossem os homens, ou talvez os cavalos de guerra, poderosos e intimidadores, mas seu cavalo leal deu um passo para trás. Era o mais perto que ele chegara da Arz, e Zafira o

torturaria com muito mais. Ela deu um sorriso torto para os homens, os lábios rachados e provavelmente incolores pelo frio.

— Venha me buscar.

— Você não tem para onde ir.

— Você esquece, Sarasin. A Arz é minha segunda casa.

Ela acariciou a juba de Sukkar, fortaleceu seu coração e o conduziu ao escuro.

Engoliu-a inteira.

Ela tentou, tentou, tentou não reconhecer a maneira como a recebeu, sussurros exaltados roçando seus ouvidos. Uma onda na corrente sanguínea. Fome em suas veias.

Árvores escuras estavam sinistras e inflexíveis, folhas afiadas e cintilantes. Distantemente, ela ouviu o galope dos cascos enquanto os Sarasins gritavam e os seguiam. Vinhas esmagavam-se sob os cascos de Sukkar, e a visão de Zafira quase cegou.

Exceto por sua respiração em pânico, Sukkar estava misericordiosamente quieto enquanto Zafira ouvia os homens, seu próprio coração um eco. Apesar do medo, eles *havam* seguido, pois o orgulho era uma coisa perigosa para nós.

No entanto, apenas o silêncio batia nos ouvidos dela – como o momento após o desembainhamento de uma lâmina. A parada após o primeiro uivo do vento.

Eles se foram.

Pela primeira vez, ela apreciou a estranheza temível e incalculável da Arz que fez os homens desaparecerem. Os dois Sarasins poderiam estar a léguas de distância, e nem ela nem eles jamais saberiam disso. Tal foi a Arz. Foi por isso que tantas pessoas que entraram nunca retornaram – elas não conseguiram *encontrar* o caminho de volta.

Um assobio suave soou do leste, e ela e Sukkar congelaram.

Ela viu um pouco do casaco branco dele, mas anos de retorno repetidas vezes haviam aguçado sua audição melhor do que qualquer lâmina. Ela viu com os ouvidos na Arz. Passos ecoaram, e a temperatura diminuiu.

— Hora de ir para casa — murmurou Zafira, e Sukkar estremeceu quando ele avançou, guiado pela mão dela, por aquele sussurro no coração. Saciado apenas quando ela se moveu.

A escuridão diminuiu para um céu azul suave e o pulsar distante do sol. Imediatamente, sentiu um bocejar vazio quando o frio picou suas narinas, perfumadas com metal e uma pitada de âmbar.

Os Sarasins, ao que parecia, não tiveram tanta sorte. Há quanto tempo os três cavalgam na Arz? Não poderia ter passado mais de vinte minutos, mas a posição do sol alegou que tinha passado pelo menos uma hora.

Zafira não queria saber se o sultão realmente a chamou. Ou, se sim, *por quê*. Foi *por isso* que Sukkar bufou debaixo dela, sempre consciente. *Uma coisa de cada vez*, ele parecia dizer.

Onde os cavalos de guerra estavam, a neve estava agora lisa e...

Ela puxou as rédeas de Sukkar.

Uma mulher estava contra as planícies brancas.

Uma capa pesada cinza, não, *prata* cintilante estava sobre seus ombros esbeltos, acima de um vestido vermelho. O capuz levantado mal cobria o topo dos cabelos grisalhos, brancos como a neve. Seus lábios eram vermelhos, uma curva de sangue.

Zafira jurou que a mulher não estava lá há um minuto atrás. Um galope começou em seu peito.

A Arz depravou uma mente ociosa.

— Quem sabia que você poderia matar tão rapidamente — disse a mulher com uma voz de seda.

A Arz também conjura vozes para suas ilusões?

— Não sou assassina. Eu apenas os iludi — disse Zafira, percebendo depois que ela não deveria responder a uma ilusão. Ela não tinha matado aqueles homens, *tinha*?

— Inteligente. — A mulher sorriu depois de uma pausa. — Você realmente parece sã e inteirinha. — Uma rajada ondulou em sua capa. Seus olhos escuros percorreram a primeira linha das árvores de Arz com uma estranha mistura de temor e adoração ao *céu*.

A mulher vacilou e solidificou. Real e não.

— É muito parecido com Sharr*, não é? — Então ela balançou a cabeça, todo movimento era deliberado.

O medo fervia sob a pele de Zafira à menção de Sharr.

— Oh, como eu pude fazer uma pergunta tão provocante? — Ela continuou. — Você não foi à ilha ainda.

Você é real? Zafira quis perguntar. Ao invés disso ela questionou: — Quem é você?

A mulher a encarou com aquele olhar brilhante, mãos nuas entrelaçadas. Ela não sentiu a picada do frio? Zafira apertou os dedos em volta das rédeas de Sukkar.

— Diga-me, por que você caça?

— Para as minhas pessoas. Para alimentá-los — disse Zafira.

Suas costas doíam e o cervo estava começando a cheirar.

A mulher estalou a língua com uma leve carranca e Sukkar tremeu.

— Ninguém pode ser tão puro.

Zafira deve ter piscado, pois a mulher estava subitamente mais perto. Outra piscadela, e a mulher se moveu novamente.

— Você ouve o rugido do leão? Você atende ao chamado?

De onde esse tratante se arrastou?

— A taberna está no sooq*, se você estiver procurando por mais arak*. — Mas a franqueza habitual de Zafira foi impedida pelo aperto em sua garganta.

A mulher riu, um tilintar que acalmou o ar. Então a visão de Zafira vacilou, e a neve foi subitamente coberta de sombras. O preto sangrava no branco, os tentáculos atingindo os tornozelos de Zafira.

— Querida caçadora, uma mulher como eu não precisa beber.

Caçadora. As rédeas escorregaram das mãos de Zafira.

— Como... — As palavras morreram em sua língua.

Um sorriso torceu os lábios da mulher e, com ele, o coração de Zafira. Era o tipo de sorriso que significava que ela conhecia os segredos de Zafira. O tipo de sorriso que significava que ninguém estava seguro.

— Você sempre encontrará o seu caminho, Zafira bint Iskandar — disse a mulher. Ela parecia quase triste, embora o brilho em seus olhos fosse tudo menos isso. — Perdida você deveria ter ficado, criança amaldiçoada.

A prata de sua capa brilhou quando ela se virou, e então Zafira deve ter piscado novamente.

Porque a mulher havia desaparecido.

O coração de Zafira subiu até a garganta. O nome dela. Aquele sorriso. Não havia sinal do preto sangrento ou da capa prateada agora. A neve estava intocada enquanto as garras em seu cérebro afrouxavam.

Então Sukkar partiu antes que ela pudesse recuperar o controle sobre as rédeas dele.

Ela se atrapalhou com um grito, permaneceu reta para não cair na neve. Ele continuou em uma corrida louca até chegar ao topo da colina e tropeçar até parar.

Zafira recuou, xingando até Sukkar abaixar a cabeça com um bufo digno. *Respirar. Avaliar.* Ela olhou de novo para a floresta noturna, mas a mulher não estava em lugar algum. Era quase como se Zafira tivesse imaginado o encontro inteiro.

Talvez ela *tivesse*. Zafira conhecia Arz melhor que a maioria, o que significava que ela entendia que ninguém *já* poderia conhecer seus segredos. Confiar em sua maldade era cortejar uma morte torturada.

Você ouve o rugido do leão?

Não foi um rugido que Zafira ouviu. Outra coisa apareceu da escuridão, seduzindo-a. Crescendo com ela a cada visita. Era como se um fio de seu coração tivesse se agarrado à floresta e tentado recolocá-la de volta.

Ela respirou fundo. A exaustão havia conjurado a mulher, só isso.

E agora ela estava atrasada. Ela virou Sukkar com um bufo. Ela tinha um vestido para vestir e um casamento para participar.

*N.T.: *Caliphate*: Os estados que compõem Arawiya, o reino em que acontece a história.

*N.T.: *Daama*: Pode significar sangrento(a) ou maldito(a).

*N.T.: *Marhaba*: Bem vindo.

*N.T.: *Ifrit*: Seres criados de fogo sem fumaça.

*N.T.: *Baba*: Pai

*N.T.: *Yalla*: Vamos lá, depressa.

*N.T.: *Qif*: Pare.

*N.T.: *Laa*: Não.

*N.T.: *Calipha*: Soberano/Governador de um caliphate.

*N.T.: *Sharr*: A ilha que já foi uma prisão. Significado: mal.

*N.T.: *Sooq*: Mercado.

*N.T.: *Arak*: Licor.

CAPÍTULO 2

Pessoas morreram porque ele viveu. E se essa era a única maneira de levar adiante nesta vida, que assim seja.

Teve uma nevasca particularmente forte no caliphate vizinho de Demenhur três noites atrás, e Sarasin estava mais fria por causa disso. A combinação do calor do deserto e do frio rebelde sacudiu os ossos de Nasir, mas aqui estava ele, longe de sua casa na Fortaleza do Sultão, a pequena porção de terra da qual o sultão governava os cinco caliphates de Arawiya.

As missões de Nasir para Sarasin sempre lhe davam uma sensação de nostalgia que ele nunca conseguia entender. Embora ele nunca tivesse morado aqui, era o caliphate de sua linhagem, e parecia familiar e estranho ao mesmo tempo.

Ele veio aqui por um ato apenas: assassinato.

Leil, a capital de Sarasin, estava cheia de homens armados em turbantes azuis. Três estavam de guarda na entrada da cidade murada. Sirwal* ondulante, em vez de calças mais justas, pendia baixo dos quadris, braços musculosos vaidosos brilhavam em bronze.

Uma rajada de ar do deserto carregava o odor almiscarado das areias quentes, junto com as conversas das crianças e dos mais velhos repreendendo.

Nasir estudou as sentinelas e deslizou das costas da égua com um suspiro pesado. Ele não precisava de conflito com uma horda de homens de nascimento humilde.

— Parece que eu vou pegar o caminho longo — ele murmurou, passando a mão pelo flanco de Afya. Ela apelou uma resposta e ele a amarrou ao lado de um camelo de olhos sonolentos. Ela era o cavalo de sua mãe, em homenagem a sua favorita das Seis Irmãs da Velha.

Ele subiu em uma pilha de caixotes envelhecidos e pulou de toldo em toldo das estruturas circundantes, equilibrando-se em pedras salientes, seus ouvidos ainda zumbindo com as ordens do sultão de Arawiya. Ele comparou a voz do sultão a uma cobra, rastejando suavemente em suas veias e penetrando seu coração com veneno.

Ele escalou a parede e pulou no telhado mais próximo com facilidade, contornando o tapete ornamentado esparramado em seu centro, almofadas em tons de jóias espalhadas para o lado.

O céu aberto de Sarasin era tão sombrio quanto seus pensamentos e sempre abatido em cinza, iluminado apenas pelo zumbido expectante da próxima corrida de camelos. Ele tinha pouco interesse na corrida em si — ele estava aqui pela capa que ela oferecia e pelo homem que prometia.

Ele voou para o próximo telhado e balançou quando uma lâmina arqueou uma mera fração de seu rosto. Uma garota de treze anos saltou para trás com um suspiro, deixando cair uma de suas cimitarras gêmeas no calcário empoeirado, com a broca concentrada quebrada. A lâmina da luva de Nasir zumbiu, mas a última coisa que ele precisava era matar desnecessariamente. *Como se suas mortes fossem necessárias.*

Ele levou um dedo aos lábios, mas a garota olhou com a mandíbula frouxa para seu traje encapuzado. O traje de um assassino de mantos em camadas de preto, gravado com prata fina. Suas mangas justas terminavam no couro flexível de suas manoplas, lâminas enfiadas sob as dobras. A faixa cinza tradicional em seu meio estava envolta por um cinto largo de couro, com lâminas menores e a bainha da cimitarra. O conjunto havia sido

projetado em Pelusia*, o caliphate tão avançado em mecânica quanto na agricultura, então não havia nada melhor.

— Hashashin*? — A menina sussurrou de uma maneira que prometeu que sua presença seria mantida em segredo. Uma braçadeira sinuosa, semelhante a uma cobra, envolvia seu braço, com jóias brancas brilhando em seus olhos.

Não, Nasir quis dizer com aquela voz de reverência. Um assassino vive uma vida honrosa.

Houve um tempo em que um hashashin dançou e os perversos pereceram, os comerciantes subiram ao poder, os negócios caíram em pó. O brilho de uma lâmina virou as marés do mundo. Eles já foram poetas da matança. Honra em seu credo.

Mas isso foi muito antes do tempo de Nasir. Ele não viveu. Ele existia. E ninguém entendeu a diferença entre os dois até que deixaram de viver.

A garota sorriu. Ela era justa demais para os padrões de Sarasin, com os cabelos brancos contra a testa, mas não era incomum que Demenhune, de cérebro frio de neve, aparecesse aqui, principalmente mulheres. O caliph de Demenhur era um corvo tendencioso que culparia as mulheres pela velhice, se pudesse.

Ela levantou a cimitarra, continuando com manobras louváveis que lhe garantiriam um lugar procurado em uma casa de assassinos, mas Nasir não comentou. Poucas palavras funcionaram melhor em seu mundo, onde uma pessoa encontrada hoje poderia ser o banquete de uma larva amanhã.

Ele passou por ela e pulou para o próximo telhado, com vista para casas de pedra marrom. As ruas abaixo estavam vazias, exceto pelo raro camelo sendo puxado. Lanternas empoeiradas pendiam de beirais, o vidro quebrado há muito tempo no deserto.

Os telhados terminaram e Nasir caiu no chão de Leil*. Barracas com pernas raquíticas espalham-se por toda a extensão, pano esfarrapado em uma variedade de cores que protegem os produtos do sol escasso. O cheiro de suor e calor agitou o ar. Ouriços de peito nu se escondiam entre mesas e